

## Foucault e o Irã

Foucault e a revolução iraniana (É Realizações, 480 páginas) é um livro que irá surpreender (e decepcionar) muita gente nos bancos acadêmicos do país. Escrito pela historiadora iraniana Janet Afary e pelo cientista político americano Kevin B. Anderson, seu propósito é analisar um evento muito pouco conhecido da biografia de Michel Foucault: a sua viagem ao Irã, no final dos anos 70, como correspondente do "Corriere della Sera" e do "Nouvel Observateur", a fim de escrever sobre o processo revolucionário que levou o ultrafundamentalista Aiatolá Khomeini ao poder. O fato não mereceria, em tese, maiores atenções, exceto por um detalhe: Foucault não foi propriamente um crítico do regime de Khomeini, havendo até mesmo forte indicações de que tenha sido o contrário disto.



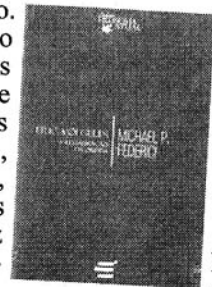
Como um homem como Foucault, homossexual, ateu, estudioso (e denunciante) do discurso de poder na modernidade e das diversas modalidades de repressão pode tratar assim a um regime que, na melhor das hipóteses, não seria nem um pouco simpático a ele? Em princípio, parece um erro circunstancial de avaliação por parte de Foucault, sem qualquer relação com o resto de sua obra e de seu pensamento. No entanto, o que Afary e Anderson defendem – e de maneira muito convincente – em Foucault e a revolução iraniana é bem diferente. Com especial destaque para as questões de relações de gênero e sexualidade, os autores demonstram que, longe de ser um acidente de percurso, a aproximação de Foucault com o regime de Khomeini encontra surpreendente – e inquietante – fundamento em seu pensamento.

## Introdução a Eric Voegelin

Autor de uma obra de dimensões – físicas e intelectuais – verdadeiramente gigantescas, o filósofo austríaco Eric Voegelin (1901-1985) é, muito frequentemente, tido como pensador “difícil”, “inacessível”, de linguajar hermético e texto pesado. Há aí certo exagero: não deixando de reconhecer que Voegelin jamais faz concessões ao leitor, a verdade é que seus livros não são mais difíceis do que os de um Hegel, por exemplo. Ressalte-se, aliás, que Voegelin costuma ser em seus ensaios de uma clareza e limpidez admiráveis, aproximando-se cuidadosa, inteligente e criteriosamente do leitor.

Independentemente disto, o fato é que um bom livro de introdução ao seu pensamento é sempre bem vindo, especialmente para alunos de graduação. É o caso de “Eric Voegelin – A Restauração da Ordem”, de Michael Fe-

derici (É Realizações, 216 páginas, tradução de Elpidio Mário Dantas Fonseca). A obra traz uma breve biografia pessoal e intelectual de Voegelin (sendo que as duas não podem ser totalmente dissociadas no seu caso, um refugiado do nazismo que dedicou grande parte de seus trabalhos ao estudo do totalitarismo e das ideologias) e um estudo pormenorizado de seus temas mais importantes. Não ficaram de fora nem mesmo as críticas a Voegelin, como as apontadas sobre sua polêmica posição acerca do cristianismo. Este é um dos melhores momentos de um livro cheio de bons momentos, que traz ainda um glossário dos principais termos usados pelo filósofo ao longo de sua obra.



Onde encontrar:  
[www.erealizacoes.com.br](http://www.erealizacoes.com.br)  
 (11) 5572.5363